

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

debates@uol.com.br [Twitter.com/Folhadebate](https://twitter.com/Folhadebate)

A última lição de Chico Anysio

ANALICE GIGLIOTTI

A última entrevista de Chico Anysio, falecido em março, foi feita em sua casa e não foi para nenhum jornal, rádio ou TV. Com cerca de 40 minutos de duração, foi concedida ao psiquiatra Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Chico havia sido convidado para ser padrinho da campanha "A sociedade contra o preconceito", da ABP, lançada no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, ano passado. Devido ao seu estado de saúde e com medo de não comparecer ao evento, fez questão de deixar algumas palavras aos médicos na abertura do congresso, onde seu depoimento foi exibido.

Como sua fala é de grande valia, divido com os leitores algumas das suas últimas palavras. Paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida. "Sem os remédios da psiquiatria, eu não teria feito 20% do que fiz."

O grande Chico Anysio, que divertiu a vida de gerações de brasileiros, sofreu de depressão por anos a fio.

"Depressão é um quadro que só se controla com remédio. O antidepressivo acertou a minha vida. A psiquiatria é fundamental como o ar que eu respiro." A depressão era "um demônio, um gás letal, ela entra e a pessoa não sente que está deprimida. Os outros é que descobrem".

Chico definiu como "criminoso" o preconceito contra as doenças mentais, traduzido pela palavra psicofobia. "Achar que ir ao psiquiatra ainda é coisa de maluco é retrato do preconceito. Depressão é uma coisa, maluquice é outra", comparou.

Chico se revoltou com o descaso com que governos e autoridades lidam com os transtornos mentais e o fornecimento de medicamentos.

"Se é possível ajudar e curar pessoas e isso não é feito, é crime. O governo tem esse dever. Não é favor colocar os remédios psiquiátricos ao alcance dos pobres, é obrigação. É dever do governo. Remédios psiquiátricos precisam ser gratuitos para quem precisa, assim como já acontece com os soropositivos", propôs.

Ele afirmava que seu grande mal não era a depressão, mas o cigarro. "Meu pulmão foi meu grande adversário. O grande criminoso da minha vida foi o cigarro. Eu venci a depressão porque pude pagar remédios e psiquiatra. A depressão é vencível, é controlável. É só ir ao psiquiatra e tomar os remédios. O cigarro não."



Herman Tacayero

"O antidepressivo arrumou a minha vida. Temos de colocar esses remédios ao alcance dos pobres", disse meu tio, que sofreu de depressão por anos

Ele era categórico em afirmar que seu único arrependimento em quase 80 anos de vida era o vício no cigarro. "Sou do tempo em que fumar era coisa de macho. Cary Grant fumava, Humphrey Bogart fumava... Conseguir que uma pessoa pare de fumar significa que ela voleta a viver", afirmou emocionado.

Ele foi capaz de um feito raro: parar de fumar sozinho. Mas, infelizmente, já era tarde demais. Os danos ao pulmão e coração eram de tal ordem que muito pouco poderia ser revertido. Antes de falecer, Chico andava com a ideia de criar uma fundação com seu nome para apoiar os estudos de combate ao tabagismo. Infelizmente, não teve tempo.

Ele tinha a dimensão do poder que suas palavras poderiam ter para as vítimas de depressão e tabagismo.

"O humor só existe em países com problemas. Não existe humorista sueco ou finlandês. Do problema nasce o humor. Como humorista, não tenho nenhum poder de consolar uma coisa, mas tenho o dever de denunciá-la. É o que estou fazendo aqui: denunciando a falta de socorro aos doentes mentais no Brasil".

Que o seu contundente relato alcance aqueles que ainda fumam ou questionam os danos que os transtornos mentais não tratados podem causar na vida de quem os sofre, seus familiares e amigos. Se Chico conseguiu diminuir a tristeza de milhões de brasileiros com o sorriso, que ele possa agora diminuir o preconceito contra as doenças psiquiátricas por meio de suas palavras.

ANALICE GIGLIOTTI, 48, mestre em psiquiatria pela Unifesp, é médica e sobrinha de Chico Anysio

Respeitável público

ANTÔNIO CARLOS DE ALMEIDA CASTRO E PEDRO IVO VELLOSO CORDEIRO

"As figuras imaginárias têm mais relevo e verdade que as reais"
Fernando Pessoa

No premiado documentário "Arquitetura da Destruição", Peter Cohen defende que o nazismo só foi palatável para a população por ter sido apresentado como um projeto de embelezamento do mundo. Retratando Hitler como artista frustrado, Cohen argumenta que o intento destrutivo do nazismo se fundou em uma poderosa estética, impulsionada por uma eficiente propaganda.

Não se quer aqui taxar ninguém de nazista ou comparar alguém a Hitler. Busca-se mostrar, pelo exemplo extremo, o poder destrutivo da estética. Ultimamente, tem-se visto que algumas acusações, na boca de delatores ou formalizadas em denúncia, procuram sofisticar a sua narrativa e emprestar-lhe uma organização e beleza fora do comum. As acusações são recheadas de adjetivos. O fato tido como criminoso é guarnecido de uma série de estruturas, núcleos e funções, em um desenho perfeito.

Para esse acusador, o regozijo é maior quando não há provas, pois assim ele terá grande espaço para o seu design. Terá liberdade para conceber e desenhá-lo que considera a parte oculta do iceberg. Nessa parte oculta, dá vazão a todo o seu projeto de embelezamento ou frustração por não ser um artista de sucesso.

O "mensalão" é o maior exemplo dessa nova modalidade de design.

O acusador se regozija se não há provas. Assim, tem mais espaço para criar um enredo, dando vazão à sua frustração por não ser artista de sucesso

A acusação não se limitou ao que há de efetivamente tangível no caso: operações financeiras entre partidos políticos e instituições financeiras. O toque estético foi dado por um pretenso delator, que, não por coincidência, é um cantor frustrado.

Do que havia de concreto, erigiu-se um enredo belo e palatável para o público, embora falso, criado: o pagamento sistemático, organizado e mensal para parlamentares. O melhor propagandista e marqueteiro não escolheria nome melhor e mais ao gosto da população: "mensalão".

Já do acusador público esperava-se sobriedade. Afinal, ele estava lidando com um fato envolto em uma disputa política, destinada a desmoralizar um partido, como reconheceu recentemente o próprio delator.

O que se viu foi justamente o contrário. O acusador público tomou gosto pela arte do escândalo e sofisticou a estética da acusação, qualificando-a como "sofisticada organização criminosa", "profissionalmente estruturada" em "núcleos". Expressões como "engrenagem criminosa", "organograma delirioso", "engenharia criminosa" conferiram ar monumental à acusação.

ANTÔNIO CARLOS DE ALMEIDA CASTRO, 54, e PEDRO IVO VELLOSO CORDEIRO, 28, são advogados criminais e defendem Duata Mendonça e Zilmar Fernandes na ação penal 470

PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens por e-mail (leitor@uol.com.br), fax (011/3224-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900). A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Mensalão

O mensalão, mais do que tudo, serve para os (poucos) esclarecidos saberem de vez que a lei, de fato, não é para todos.

Até então, tinha a impressão de que a lei existia e era justa e que alguns usavam os becos escuros para driblá-la. Agora não.

Ficou claro que se transgride a lei não somente nos becos escuros mas também em ruínas escuras da própria lei, que os ditos advogados "estrelados" sabem buscar (à custa de alguns milhões de reais, em valores próximos aos que circularam no mensalão, que, segundo os "estrelados", não existiu nem existe).

Portanto, conforme li há tempos, "as portas da lei estão abertas para todos, assim como as portas dos hotéis de luxo. Mas os pobres terão dentro dela a mesma sorte que nos hotéis de luxo. A simples sorte de homens pobres". É triste, mas é fato.

IVO FELIPE SILVA FILHO (São Paulo, SP)

O decano do jornalismo político no Brasil Janio de Freitas, em seu artigo "Acusação e defesa" ("Poder", 12/8), faz uma brilhante análise do julgamento do mensalão. Brilhante porque isenta!

Se compararmos as análises dele com as de Marcelo Coelho ("Além da simples torcida", "Poder", 12/8), este mostra a que veio: desconstruir, com ironia sem graça, as teses dos defensores. Mas isso não é de estranhar, pois, com exceção de Janio de Freitas, os artigos da maioria dos jornalistas da **Folha** não passam de parcialidades muito bem dirigidas no sentido de condenar todos os réus, não importando se existem ou não provas contra eles. É o condenar por condenar, numa irresponsabilidade que chega à desonestidade.

BENJAMIN EURICO MALICELLI (São Paulo, SP)

A esperança da maioria da população brasileira é que o julgamento do mensalão, no Supremo Tribunal Federal, não termine em "pizza", "boi de piranha" ou "quem pode mais chora menos".

PAULO BORINI (São Paulo, SP)

Enojável, estúpida e delirante a opinião da socialite Anna Maria Corsi (coluna Mônica Bergamo, "Ilustrada", 12/8) ao definir o mensalão como resultado de "nordestino querer fazer alguma coisa em São Paulo" e desejar que eles (os nordestinos) fiquem no "fundo de Pernambuco e do Ceará" em vez de ousar adentrar o sagrado território de São Paulo, que deveria ser lugar exclusivo "de paulistas e paulistanos".

FELIPE MARTINS MORAES DAHER (Barretos, SP)

Alguns estão criticando a participação do Brasil na cerimônia de encerramento da Olimpíada de Londres, mas a verdade é que Cao Hamburger e Daniela Thomas (que dirigiram o espetáculo) conseguiram mostrar a cara do Brasil. Portanto, reclamar do quê? Essa é mesmo a nossa realidade. Poderiam ter incluído, além do gari, a figura do puxador de carroça, profissão em franca ascensão no Brasil.

TEREZINHA DE JESUS DE FREITAS CRUZ (São Paulo, SP)

Olimpíada

Alguns estão criticando a participação do Brasil na cerimônia de encerramento da Olimpíada de Londres, mas a verdade é que Cao Hamburger e Daniela Thomas (que dirigiram o espetáculo) conseguiram mostrar a cara do Brasil. Portanto, reclamar do quê? Essa é mesmo a nossa realidade. Poderiam ter incluído, além do gari, a figura do puxador de carroça, profissão em franca ascensão no Brasil.

TEREZINHA DE JESUS DE FREITAS CRUZ (São Paulo, SP)

» LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA.COM - www.folha.com.br/paineldoleitor

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: saa@grupofolha.com.br
0800-775-8080 Grande São Paulo: 011/3224-3090

» OMBUDSMAN: ombudsman@uol.com.br 0800-015-9000

ERRAMOS

erramos@uol.com.br

MERCADO (9.AGO, PÁG. B10) Por erro da edição, o texto de autoria de Abby Ellin, do "The New York Times", foi publicado indevidamente no caderno "Mercado", com o título "Sonho brasileiro". A reportagem fazia parte do suplemento "The New York Times" que circulou ontem, com o título

Historiador

A interessante entrevista que Eleonora de Lucena realizou com o historiador Evaldo Cabral de Mello ("Desde a Colômbia, magistratura do país é corporativista", "Entrevista da 2ªª") contém uma informação correta, mas redutiva.

É verdade que Cabral de Mello é "especialista em história regional" e que ele "se notabilizou por estudos do período de domínio holandês em Pernambuco, no século 17". Mas também é certo que o domínio holandês em Pernambuco constituiu o campo mais cosmopolita e desafiador da história brasileira, comportando três séculos e meio de debates internacionais que incluem obras importantes de historiadores holandeses, britânicos, franceses, alemães e portugueses.

Além disso, seu livro "O Norte Agrário e o Império" (1984) é um dos melhores sobre as relações inter-regionais brasileiras no século 19, enquanto "O Negócio do Brasil" (1998), traduzido e publicado na Holanda, constitui uma das raríssimas contribuições da historiografia brasileira à história da diplomacia portuguesa e europeia no século 17.

LUÍZ FELIPE DE ALENCASTRO, professor titular de História do Brasil na Universidade de Paris-Sorbonne (São Paulo, SP)

Um primor a entrevista do historiador e diplomata pernambucano Evaldo Cabral de Mello à jornalista Eleonora de Lucena. Destemido, ele afirma que a magistratura brasileira (o Judiciário) é uma caixa-preta, ou seja, ninguém sabe o que lá se passa. E pior: dos três Poderes, é o que guarda corporativismo retrógrado, remontando às práticas e mentalidades dos tempos da coroa portuguesa.

Para além disso, ele faz uma crítica à cultura/mentalidade do brasileiro, que não consegue separar a objetividade da lei dos seus interesses pessoais.

Vem em boa hora essa entrevista, no que diz respeito tanto à corrupção quanto ao exemplo que ora o Judiciário pode dar.

JOÃO LUÍZ PEREIRA DAS NEVES (Curitiba, PR)

Cotas

Ao instituir um sistema de cotas tão violento — que reserva 50% das vagas em universidades federais para alunos do ensino público —, o Estado, sabedor da péssima qualidade do ensino público (tanto o de nível fundamental quanto o de nível médio), age como aquele professor irresponsável que, na tentativa de minimizar as consequências da sua incompetência, aprova os alunos mesmo sabendo que eles nada aprenderam. Nesse ponto, também aqui "nada se cria, tudo se copia".

MARCOS THEREZENO MARTINS (Matião, SP)

Flip

Parabenizo a editora Três Estrelas pela participação na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), que ocorreu no começo de julho, em que pudemos conhecer um pouco mais sobre Oscar Pilagallo — autor do excelente livro "História da Imprensa Paulista". A Casa Folha foi um ambiente perfeito, com atendimento muito simpático.

JOIMAR DE CASTRO MENEZES (São Paulo, SP)

"Moda nos anos 60, o couro está de volta, via Brasil".

MERCADO (27.JUL, PÁG. B2) Em parte dos exemplares, foi informado, na nota "Mercado na bula", que a losartana é usada para tratar colesterol. Porém o correto é hipertensão.